

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

BIANCA ANDRESSA CARDOSO

**VIDAS SOB CONTROLE: UMA ANÁLISE DE *1984*, DE GEORGE
ORWELL, E DE “15 MILHÕES DE MÉRITOS”, DE CHARLIE
BROOKER**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO

2019

BIANCA ANDRESSA CARDOSO

**VIDAS SOB CONTROLE: UMA ANÁLISE DE 1984, DE GEORGE
ORWELL, E DE “15 MILHÕES DE MÉRITOS”, DE CHARLIE
BROOKER**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso Superior de Licenciatura em Letras Português-Inglês, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR *Campus* Pato Branco como requisito parcial do título de Licenciatura.

Linha de Pesquisa: Televisão e Literatura Inglesa

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mariese Ribas Stankiewicz

PATO BRANCO

2019



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Bianca Andressa Cardoso.**

Título: **Vidas sob controle: uma análise de "1984", de George Orwell, e de "15 milhões de méritos", de Charles Brooker.**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 05/12/19, pela comissão julgadora:

Profa. Dr^a. Mariese Ribas Stankiewicz ¹ UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Profa. Dr^a. Camila Paula Camilotti– UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof. Me. Leandro Zago– UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a Ma. Rosângela Aparecida Marquezi

Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

RM
Rosângela Aparecida Marquezi
SIAPE 63858-12
Coordenador do Curso de Licenciatura
em Letras Português-Inglês
UTFPR - Câmpus Pato Branco

¹ A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por ter me apoiado e me motivado todas as vezes as quais pensei em desistir dos projetos aos quais me envolvi, além de me acalmarem e me recolocarem no caminho certo a seguir. À minha mãe Ivani Fátima Arendt por ser meu porto seguro às diversas dificuldades da vida e à minha irmã Paola Andrielly Cardoso que sempre me aconselhou a fazer as melhores escolhas.

Agradeço à professora doutora Mariese Ribas Stankiewicz a qual sempre teve muita paciência e sabedoria para mostrar-me como melhorar, não apenas profissionalmente, mas também humanamente. Por motivar-me e encantar-me através de suas aulas e seu doce jeito de ensinar.

Agradeço aos meus amigos que me distraíam em momentos de cansaço e me apoiavam, além de me oferecerem seus ombros para momentos de choro e desespero.

Agradeço ao meu namorado Jurandi Daleffe Junior por me apoiar e me incentivar ao sucesso e por estar ao meu lado torcendo pela minha vitória.

Agradeço aos demais professores do curso de Letras de Pato Branco por repassarem seus conhecimentos com tanto carinho e esforço para formação de bons profissionais na área de ensino; espero conseguir superar as expectativas depositadas.

Agradeço as demais pessoas que estiveram presentes em minha vida e na minha formação, pois sem eles eu não teria obtido êxito.

Agradeço a mim mesma por finalmente ter acreditado em mim e dado a chance de construir um futuro e de evoluir. Esse trabalho mostra que esse esforço todo é fruto de minha conquista.

“Quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente controla o passado.”

George Orwell
1984

RESUMO

No seguinte trabalho de conclusão de curso observam-se os modelos de poder nas sociedades distópicas de *1984* de George Orwell e “15 Milhões de Méritos” de Charlie Brooker afim de analisá-las ao comparar suas estruturas de poder, utilizando os estudos de Foucault, principalmente, além de Keller e Baudrillard os quais abordam as diferentes formas do poder, do controle midiático e seus efeitos sobre a sociedade. CARDOSO, Bianca Andressa. **Vidas sob Controle: Uma Análise de 1984, de George Orwell, e de “15 Milhões de Méritos”, de Charlie Brooker.** 2019. 40 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras Português – Inglês). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2019.

Palavras-chave: distopia; 1984; 15 Milhões de Méritos; poder; controle.

ABSTRACT

It will be observed in the following final term paper, the models of power in the dystopian societies of 1984 by George Orwell and “Fifteen Million Merits” by Charlie Brooker, in order to analyze them by comparing their structures of power, utilizing the studies of Foucault, mostly, but also Keller and Baudrillard, who discuss the different forms of power, the mediatic control and its effects upon society. CARDOSO, Bianca Andressa. **Lives under Control: An Analysis of George Orwell’s 1984 and Charlie Brooker’s “Fifteen Million Merits”**. 2019. 40 p. Concluding Course Paper (Graduação em Licenciatura em Letras Português – Inglês). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2019.

Keywords: Dystopia; 1984; Fifteen Million Merits; Power; Control.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – OS AUTORES E SEUS TEXTOS DISTÓPICOS	15
1.1 George Orwell e seu Mundo na Década de 40	15
1.2 1984 – Sua Narrativa e suas Temáticas	17
1.3 Charlie Brooker e a Tecnologia Contemporânea	18
1.4 “15 Milhões de Méritos” – Um Espelho Negro do nosso Presente .20	
CAPÍTULO 2 – O CONTROLE E AS RELAÇÕES DE PODER EM 1984 E EM “15 MILHÕES DE MÉRITOS”	22
2.1 Controle e as Relações de Poder	22
2.2 Paralelos entre 1984 e “15 Milhões de Méritos” – A Distopia Gerada pelo Controle	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Atualmente possuímos um grande envolvimento com a tecnologia. Temos câmeras em todos os lugares, as quais ajudam no quesito segurança; computadores e celulares com câmeras perpetuam nossa imagem e as mídias as difundem pelas redes sociais assim como acontece com nossas ideologias. Contudo, ao mesmo tempo em que essa tecnologia demonstra vantagens, também apresenta consequências. Escândalos sobre a invasão de privacidade são comuns na Internet, seja ela violada pela falta de moral das pessoas ou por hackers, mas os que realmente chamam atenção são relacionados ao poder governamental. O medo de estarmos sendo observados ganhou sua popularidade no século XX, mas atingiu seu auge após a vigilância do Estados Unidos sobre seus cidadãos e outros países a fim de “protegerem-se” de ataques terroristas. O medo constante de estarmos sendo observados é retratado em várias obras desde o Modernismo, sejam essas ficcionais ou não. Essa questão do poder midiático é discutida por vários pensadores, como os que são abordados nesta pesquisa.

Este trabalho mostra uma análise do romance *1984* (2014), de George Orwell em paralelo com o episódio “15 Milhões de Méritos” (2011) (*Black Mirror*), de Charlie Brooker, à luz das principais ideias de Michel Foucault sobre o panóptico, que relaciona o abuso de poder como uma das maiores formas de controle dos indivíduos de uma sociedade. Neste sentido, esta pesquisa verificou como o poder utiliza as mídias para controlar os cidadãos, à medida que retira a privacidade dos mesmos. Embora haja diferenças temporais, espaciais e de gênero entre as obras, é possível fazer uma análise no que tange à questão do poder, já que ambas retratam formas similares de controle.

1984, escrito em 1948 e publicado em 1949, é reconhecidamente um importante romance a demonstrar os pontos negativos do uso da tecnologia para observar seus cidadãos. Escrito logo após a Segunda Guerra, quando a crise econômica se alastrava de forma brutal nos países da Europa, Orwell juntou todos os acontecimentos que experimentou na guerra e os registrou em *1984*, colocando como imaginava que o mundo se tornaria se outra vez o governo tentasse colocar seu poder de forma limitante e transgressiva, já que, mesmo

após o término da guerra, a URSS e os EUA continuavam com a formação de soldados, na chamada “Guerra Fria”. Em consequência das formações militares e do desenvolvimento das bombas atômicas, muitos ainda acreditavam que a guerra poderia continuar ou recomeçar; esse medo constante também influenciou a criação de seu romance segundo Margaret Drabble e Bernard Crick (2018).

Da mesma maneira, *Black Mirror*, criada por Charlie Brooker, tendo sua primeira temporada lançada em 2011, procurou trazer, na diversidade dos seus episódios, vários fatores da tecnologia que permeiam assuntos de nossa contemporaneidade. O que há em comum entre os dois textos é a invasão da privacidade e a utilização de dados dos cidadãos ou usuários (quando se relacionam em redes sociais). Neste episódio a vida das pessoas é ilimitadamente controlada e o conjunto imagético construído pelo diretor mostra a situação de prisioneiros “livres” em que todos vivem. A série foi inspirada nos acontecimentos mais recentes de hackers e na ideia de estarmos cada vez mais sendo vigiados e controlados pelas máquinas ou por um governo.

Tanto o romance como o episódio procuram demonstrar um futuro que seja o máximo possível aproximado dos fatos que ocorrem ao longo do período em que foram publicados. Talvez seja esse presente distópico (ou futuro próximo) que nos assombra ao mesmo tempo em que nos fascina por sua tamanha coincidência com o presente “real”, em que vivemos. Por sermos solidários por nós mesmos e pela humanidade, enfim, acabamos por nos apaixonar por essas obras.

As séries televisivas vêm tomando cada vez mais espaço do nosso cotidiano e têm começado a despertar interesse na comunidade acadêmica para pesquisas sobre personagens e sobre distopias – embora não existam muitos estudos sobre esse gênero ainda, sendo assim, um desafio. Apesar dessa dificuldade, a série *Black Mirror* (2011) foi escolhida por causa das temáticas que trazem toda a polêmica da tecnologia com vários episódios focados na forma como o governo age. O episódio “15 Milhões de Méritos” mostra um padrão distópico muito semelhante ao que existe em *1984* e, neste sentido, esta pesquisa se justifica pela importância de lembrarmos o quão importante ainda é hoje ficarmos conscientes acerca o controle ilimitado da sociedade. Além disto, muito importante também que entendamos o poder, que é um atributo tão

constante em nossa vida, uma vez que relações de poder existem em todos os setores de uma sociedade, seja na instituição familiar, religiosa ou governamental.

1984 e “15 Milhões de Méritos” foram lidos e analisados de formas particulares. A monografia de Lisiane Cristina Bauer, *Narrativas Distópicas: Um Estudo Comparativo entre 1984 e a Série Black Mirror* (2018), procurou comparar *1984* não somente com o episódio “15 milhões de Méritos”, mas também com outros episódios da série adaptando cada um a um problema de controle ou vigilância encontrados dentro do romance. Além deste trabalho, Bruna dos Santos Borges, em “O Panóptico na Distopia: Uma Análise Comparativa de *1984* e *Jogos Vorazes*” (2016), utiliza as ideias do panóptico como forma de trabalhar o controle e a vigilância dentro dos universos ficcionais dos romances de George Orwell e de Suzanne Collins. Também o capítulo de *Por uma Voz Crítica do Visível* (2015), intitulado “Metacrítica Midiática: Reflexos e Reflexões das Imagens em *Black Mirror*”, escrito por Ivan Paganotti e Rosana de Limas Soares, faz uma análise mais profunda sobre a forma como a mídia se apresenta em vários episódios da série como forma de controle; existem poucas menções do episódio ao qual foi trabalhado.

Mark R. Johnson, em seu artigo “Fifteen Million Merits: Gamification, Spectacle, and Neoliberal Aspiration” (2019), procura fazer uma leitura sobre a utilização dos programas como forma de distração, controle e como fins lucrativos de compra. Com o discurso “Cyberspace Concept through Science Fiction Films: The Case of “Black Mirror – Fifteen Million Merits” (2016), transcrito ao inglês por Gizem Sazan, Büşra Ünver procura trabalhar o espaço que os personagens ocupam – suas celas. Da mesma forma, Luana Kramin Martins, em sua monografia intitulada *Language as a Form of Repression in 1984 in Contrast with Language as a Form of Revolution in A Clockwork Orange* (2016), mostrou a linguagem como poder com funções distintas em *1984* e em *Laranja Mecânica*, como forma de controle de pensamentos e de emoções.

1984, por ser um romance de destaque em sua época e, também, por ser considerado um clássico da literatura mundial, possui mais pesquisas relacionadas a como o governo se utiliza das mídias, seja no âmbito das relações de poder, das consequências psicológicas que resultam às pessoas ou, até mesmo, no que diz respeito à sexualidade (ou ao controle dela). Por outro lado,

Black Mirror, ao ser lançado recentemente, não possui tantos estudos publicados, mas, observando-se os que já estão disponíveis, são poucos os que procuraram analisar o episódio “15 Milhões de Méritos”. Os que embasam suas pesquisas neste episódio buscam demonstrar como os personagens expressam seus sentimentos ou como lidam com suas repressões. Tanto *1984* quanto “15 Milhões de Méritos” não apresentam muitas pesquisas que digam respeito à relação da mídia com o sistema governamental, ou seja, a forma da utilização da mídia pelo governo para manter o controle sobre os habitantes de uma nação. Dentre essas pesquisas, foi encontrada apenas uma monografia que compara *1984* a outros episódios da série, também sendo analisado “15 milhões de méritos” em um de seus capítulos; porém, procurando focar no controle sobre o corpo que era enfatizado dentro da narrativa.

Dito isto, o principal objetivo desse trabalho foi o de estabelecer paralelos entre as formas de controle presentes em *1984* (2014), de George Orwell, e em “15 Milhões de Méritos” (2011), de Charlie Brooker, procurando analisar a realidade distópica, o poder midiático e suas consequências na vida de seus personagens em cada um dos textos, baseando-se em pontos da teoria de Michel Foucault, principalmente no que diz respeito ao panóptico. Para essa comparação, buscamos as diferenças e semelhanças entre o romance e o episódio, bem como procuramos entender como o governo procura utilizar a mídia que está sobre seu controle. Além disto, verificamos como o controle é estruturado e como os indivíduos reagem aos estímulos da mídia.

1984 e “15 Milhões de Méritos” são textos que apresentam sociedades distópicas, as quais mantêm os indivíduos sob total comando do poder. Os textos mostram que há um sistema de controle central e “supremo”, tal como um modelo panóptico, ou seja, com poder total para espionar os indivíduos de uma sociedade. Assim, esses sistemas têm consciência de tudo o que acontece à sua volta. Dentro dessas comunidades distópicas, a forma mais eficiente de controle seria um sistema multimídia avançado e, obviamente, a imposição da própria mídia “mercadológica” na vida dos cidadãos.

O governo, obtendo poder midiático, usa das mídias como forma de lavagem cerebral, fazendo com que as suas ideias sejam repercutidas entre os habitantes de forma fácil e simples. Essa repercussão facilitará o desenvolvimento de ideais (no que se refere às ideologias) e de regras entre as

peças, fazendo com que estas entendam os seus lugares e os lugares dos outros. Douglas Kellner (2001, p. 10) fala um pouco sobre essa influência explicando que

[o]s espetáculos da mídia demonstram quem tem poder e quem não tem, quem pode exercer força e violência, e quem não. Dramatizam e legitimam o poder das forças vigentes e mostram aos não-poderosos que se conformarem, que estarão expostos aos riscos de prisão ou morte.

Sair do pensamento que esse sistema de controle central impõe aos cidadãos comuns é um processo extremamente difícil que também envolve o desenvolvimento do pensamento crítico. As pessoas deveriam aprender a questionar tudo o que recebem, por mais difícil que isso possa ser.

Sendo assim, para o desenvolvimento deste trabalho, foram verificados alguns textos que dizem respeito ao controle e às relações de poder. Michel Foucault estudou de forma profunda a evolução da sociedade ao longo do tempo, desde a época da tortura medieval até os problemas dos governos ditadores. Assim, *Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão* (1999), publicado pela primeira vez em 1975, que traz o modelo panóptico, foi utilizado durante as análises, mantendo o foco sobre esse modelo de prisão. Também utilizamos outros pensadores significativos ao processo de verificação do controle midiático pelo sistema de governo, tais como Douglas Kellner, em *A Cultura da Mídia* (2001) e Jean Baudrillard, em *Simulacros e Simulação* (1991).

Outros textos como os de Thomas Pynchon (2003) e de Margaret Drabble e Bernard Crick (2018), que falam principalmente sobre *1984* e de George Orwell, também ajudaram a entender as condições de nascimento deste romance. Artigos, tais como “Da Melancolia à Ironia: O Discurso Dissimulado da Contemporaneidade em *Black Mirror*” (2014), de Andréia Shirley Taciana de Oliveira, Danilo França do Nascimento e Geralda Aparecida do Carmo Schyra; e “Narrativas Complexas na Ficção Televisiva” (2013), de Maria Cristina Palma Munglioli e Christian Pelegrini também foram relevantes ao desenvolvimento desta pesquisa. Por fim, foi feito um estudo dos autores das obras, a fim de compreender melhor o contexto em que elas surgiram.

Este trabalho foi organizado com a apresentação de dois capítulos, de modo que a análise do controle midiático fosse bem estruturada. Algumas

considerações sobre George Orwell e sobre Charlie Brooker, bem como características relativas aos estilos de cada autor foram tratadas no primeiro capítulo, intitulado “Os Autores e seus Textos Distópicos”. Aqui, podemos ter uma ideia das razões que levaram esses autores a criarem seus textos e também entender os elementos das narrativas selecionadas, tais como enredos, personagens, ambientação e estilísticas.

Já o segundo capítulo, sob o título “O Controle e as Relações de Poder em 1984 e em ‘15 Milhões de Méritos’”, traz um estudo do poder, do controle e do panóptico, que se relacionam com as principais teorias estruturantes deste trabalho. Assim, as ideias de Foucault, de Kellner e de Baudrillard são estudadas e, posteriormente, ajudam a embasar as argumentações ao longo das análises dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa.

CAPÍTULO 1 – OS AUTORES E SEUS TEXTOS DISTÓPICOS

A historiografia possui o princípio de escrever sobre seu tempo e referir-se a acontecimentos da época. Muitas narrativas vieram com o propósito de denunciar feitos ou costumes esquecidos ou ainda repetidos atualmente, com ou sem o propósito de passar uma moral sobre isso. Por outro lado, as narrativas distópicas têm por objetivo apresentar ao leitor, de forma distorcida, um exemplo de uma sociedade que sofre pelo mau desenvolvimento das leis e da ciência, da má governança, ou destes e outros fatores em conflito com a vida humana. Sendo o total antônimo de utopias, geralmente a leitura de um mundo distópico produz no leitor desconforto, proporcionando ao leitor ou ao espectador a oportunidade de desenvolver o pensamento crítico. Obras com teor distópico procuram fornecer uma análise da sociedade e da forma com a qual o poder se estabelece, embora geralmente façam alusão a um “futuro distante” ao nosso.

Ao fazer a análise do romance *1984* e do episódio “15 Milhões de Méritos” foi necessária uma breve introdução aos seus autores, para entendermos de que maneira suas experiências de vida e seus contextos contribuíram para seus produtos finais. Também foi necessário um breve estudo das narrativas dos textos, que se configurou como um importante início do desenvolvimento da análise.

1.1 George Orwell e seu Mundo na Década de 40

Embora George Orwell seja mais conhecido pelas seus dois romances *A Revolução dos Bichos* (1945) e *1984*, o autor escreveu uma diversidade de textos críticos e literários, denunciando a forma com que o governo ou as classes dominantes impunham o poder sobre as pessoas.

De acordo com os autores David Smith e Michael Mosher (1986) Erick Blair, nome de batismo de Orwell, nasceu na Inglaterra, mas algum tempo depois, por causa de seu pai, mudou-se para a Índia. Estudou no Colégio São Cipriano onde passou pela pior época da sua infância, o que o ajudou a desenvolver alguns dos seus traços de personalidade e ideias políticas,

futuramente. No colégio, sentiu a repressão das figuras poderosas da escola, as quais preferiam dar razão aos que possuíam maiores *status*, fazendo com que se sentisse inferior. Baseado nessas experiências, Smith e Mosher (1986) apontam que Orwell começou os seus ensaios ao seu livro *1984*, pois, escrevia como se ainda fosse uma criança, já que para ele, elas eram as que passavam por isso sem entender direito o porquê de submeter-se a uma autoridade, percebendo como era estúpida e injusta. Por isso simpatizava com as crianças devido a esse sofrimento.

Dadas as várias temáticas presentes em sua obra, podemos perceber que Orwell refletiu sobre o fato de a escola tentar fazer com que ele se preparasse para uma vida conformada ao ser sujeitado por uma autoridade maior, seja o chefe, a polícia ou o governo. Essa conformidade, também presente em suas obras como um todo, é utilizada como uma metáfora para apresentar a ideia de que, embora todos saibam que a inércia (o silêncio frente às injustiças) e o descaso sejam algo errado, as pessoas não têm espaço para exporem suas ideias e limitam-se à conformidade.

Seus romances publicados foram: *Os dias da Birmânia* (1934), *A filha do Reverendo* (1935), *Moinhos de Vento* (1936), *Um Pouco de Ar* (1939), *A Revolução dos Bichos* (1945) e *1984* (1949), além de outros ensaios e livros, os quais escreveu inspirado em suas experiências.

Ao simpatizar com o Regime Socialista, foi à Segunda Guerra Mundial lutar na Espanha contra a invasão das tropas de Mussolini, embora lá tivesse encontrado seu primeiro choque ao notar que os reforços pedidos para ajuda contra as tropas não viriam, assim afirmam Smith e Mosher (1986). Ao se certificar que esse regime não se diferenciava dos demais, onde os mais fortes dominam os mais fracos, voltou à sua casa e escreveu *A Revolução dos Bichos* (1945), seu romance com maior crítica política já feita.

Embora a guerra tivesse terminado, Orwell percebeu que algumas coisas continuavam a se destacar na sociedade: o culto do êxito, o culto do poder, o nacionalismo e o totalitarismo, pontos que o assustavam por não achar de forma natural tal reação: “Os problemas do nacionalismo e do culto do poder continuaram a dominar no pós-guerra o pensamento de Orwell. *1984* é o produto final duma preocupação da sua vida inteira com a liberdade e a igualdade” (SMITH; MOSHER, 1986, p. 170).

1.2 1984 – Sua Narrativa e suas Temáticas

O romance, que se passa no ano de 1984, conta sobre a vida de Winston Smith, um homem que vive no regime de governo do continente da Eurásia, dominado pelo Grande Irmão. Winston, trabalhador do ministério da verdade, começa a perceber a existência de algumas contradições no governo, como uma quantidade de chocolates a qual seria racionada, em um dia, no outro mostra um aumento na fabricação, além da constante guerra sem fim entre a Lestásia, comandada pelos exércitos de Goldenstein. Refletindo sobre a Oceania ajudar a Eurásia, Winston percebe por relapsos que essa ordem era diferente anteriormente.

No mundo caótico, vivenciado por ele, consegue, com sua amante, Julia, perceber mais desordens dentro do Estado, onde se diz ser simpatizante da ordem de Goldestein, por mais que o governo tenha instituído os “dois minutos de ódio” para espalhar os mesmos aos inimigos de Estado. Os dois encontram refúgios para suas discussões no interior de um pequeno quarto localizado em cima de uma loja encontrada na região periférica.

Winston, nessa época, também conhece O'brian, um homem com o qual simpatiza e até mesmo o coloca como um igual. Ao conhecê-lo melhor, descobre que ele também tem alguns benefícios, como não ser vigiado o tempo todo pelas teletelas, embora, também concorde com as ideias de Goldenstein, o que mais tarde mostra-se uma farsa, já que dentro do quarto que seria livre de uma teletela, é o local onde Winston e Julia são presos pela polícia das ideias, comandadas por O'brian e levados até o ministério do amor, onde sofrem diversas torturas.

No meio da tortura do ministério, O'brian tem longas conversas com Winston falando sobre a inutilidade de fugir do controle do Estado, fazendo uma lavagem cerebral. A maior prova de que Winston poderia ser liberado daquela tortura e viver novamente na sociedade “perfeita” do Grande Irmão só é provada quando ele é levado ao quarto 101, o qual possui o maior medo de uma pessoa. Ao ser confrontado com dois ratos famintos chegando cada vez mais perto de seu rosto, trai Julia ordenando que aquilo fosse feito a ela, provando assim o seu valor ao grande Irmão.

Liberto do Ministério do Amor, Winston vive uma vida tranquila antes de seu fuzilamento, agendado na praça, mas mesmo encontrando Julia percebe que não possui o mesmo pensamento, e que a única coisa importante foi o amor do Grande Irmão sobre ele.

1.3 Charlie Brooker e a Tecnologia Contemporânea

Nascido no dia 3 de março de 1971, o roteirista, escritor e ator Charlie Brooker já trabalhava há 8 anos na mídia, mas o trabalho que permitiu que se destacasse foi a série *Black Mirror*, produzida pela *BCC* e pela *Netflix*, a qual continua a ser produzida e já está em sua quinta temporada.

Nascido na cidade de Reading, na Inglaterra, e casado com Konnie Huq, que o ajudou a escrever alguns episódios da série, incluindo o utilizado neste trabalho; Charlie Brooker não possui uma biografia de fácil acesso.

Antes do sucesso de *Black Mirror*, já havia se destacado na mídia pelos seus livros *Screen Burn* e *Dawn of the Dumb*, os quais já possuíam algumas premissas parecidas com as da série, mas mais inspiradas pela sua coluna do jornal britânico *The Guardian*, onde falava sobre o sucesso nos programas de televisão e como consumia-se pela “tela negra”.

O escritor é conhecido por seu humor ácido e suas críticas tanto à sociedade inglesa quanto à formação do ser humano no meio caótico atual. Utilizando de palavreados de baixo calão, comunica pelo *The Guardian*, em sua coluna, além de apresentar seu parecer, apresenta também suas novas produções, uma delas a de *Black Mirror*.

Embora o autor admita que sua série é baseada na loucura da tecnologia cada vez mais presente na vida das pessoas, e em parte desejando que uma parcela da calma de seu passado voltasse a ser presente, não nega que sem ela agora seria impossível viver:

Nós *twitamos* junto aos *reality shows*; compartilhamos vídeos de estranhos jogando gatos em caixas; dançamos frente a *xboxes* que podem nos ver, nos julgar, concluir que não temos talento. É difícil imaginar uma única função humana que a tecnologia não tenha alterado, exceto arrotar. [...] Ontem eu li sobre um novo vídeo game instalado sobre os urinários para que os clientes não ficassem com tédio: Você controla jorrando sua urina para esquerda e direita. Lendo

isso você realmente se pergunta se vive em uma sociedade realmente sã. (BROOKER, 2011, TRADUÇÃO NOSSA).²

Charlie admite que isso o inspirou à criação da obra, além de alguns episódios antigos da série “The Twilight Zone”, os quais também procuravam colocar questionamentos tanto sociais quanto tecnológicos, levando como base o fantástico. É perceptível dentro da narrativa a semelhança entre elas pela forma em que procuram expor o problema social, embora um seja regido principalmente pelos aspectos socioculturais da pós-Segunda Guerra Mundial o outro está relacionado principalmente ao relacionamento tecnológico que invade cada vez mais a privacidade dos seus usuários.

No caso de sua obra aqui discutida, procurou trabalhar com a questão de um pequeno pensamento Orwelliano, fazendo um paralelo entre a empresa de tecnologia Apple e a forma de controle expressa dentro a ela:

Em 1984, Apple lançou a famosa propaganda incitando que o Mac poderia salvar a humanidade de um pesadelo futurista Orwelliano. Mas como esse pesadelo apresentado pela Apple realmente seria? Provavelmente parecido com isso.
15 Milhões de Méritos [...] se passa em um mundo onde a população está condenada a uma vida vazia sustentada apenas pela contínua apresentação de entretenimentos e distrações dadas pelos aparelhos onipresentes e suas telas. [...] Sua única chance de escapar desse mundo aparenta ser pelo concurso de talentos chamados de Hot Shot [...] (BROOKER, 2011, TRADUÇÃO NOSSA).³

A distopia aqui apresentada estende-se a outros episódios criados pelo roteirista, embora cada uma sustente de formas diferentes essa ideia, tendo em vista que as narrativas não estão interligadas umas às outras.

² We routinely do things that just five years ago would scarcely have made sense to us. We tweet along to reality shows; we share videos of strangers dropping cats in bins; we dance in front of Xboxes that can see us, and judge us, and find us sorely lacking. It's hard to think of a single human function that technology hasn't somehow altered, apart perhaps from burping. [...] Just yesterday I read a news story about a new video game installed above urinals to stop patrons getting bored: you control it by sloshing your urine stream left and right. Read that back to yourself and ask if you live in a sane society.

³ In 1984, Apple ran a famous advert that implied the Mac might save mankind from a nightmarish Orwellian future. But what would a nightmarish Orwellian future that ran on Apple software actually look like? Probably a bit like this.
Fifteen Million Merits,[...], takes place in a world in which the population is apparently doomed to a life of meaningless toil enlivened only by continual entertainment and distraction courtesy of omnipresent gizmos and screens. So not really sci-fi at all, then. Your sole chance of escape or salvation from this world appears to be a talent contest called Hot Shot [...].

A ideia apresenta-se como uma ironia à utopia, uma sociedade que supostamente está salva pela tecnologia do mal da alienação do estado, entretanto a mesma incita a uma nova distopia de controle sobre seus usuários, passando por outros processos de aprisionamento. Sustentando essa premissa, o subitem subsequente expõe um resumo mais detalhado da forma que fora trabalhada na série.

1.4 “15 Milhões de Méritos” – Um Espelho Negro do nosso Presente

Bingham “Bing” Madsen mora em um pequeno apartamento o qual é coberto por telas em todas as paredes, onde se arruma para o trabalho de pedalar nas bicicletas. Em seu trabalho monótono Bing passa pelas programações que passam nas grandes telas em frente de seu “ofício”.

Dentro do departamento conhece uma mulher chamada Abi a qual tem uma voz muito bonita e tem sonho de ser uma famosa cantora no show de talentos *Hot Shot*. Para conseguir que o sonho dela se realize, Bing paga um ingresso para o show, que custa quinze milhões de méritos, e acompanha-a por todo o processo até o palco, onde descobrem que ela deverá escolher entre ser como uma artista pornográfica, supostamente com mais prestígio, ou voltar como uma trabalhadora nas bicicletas. Pela pressão feita por todos os espectadores, Abi aceita o seu novo trabalho e Bing é tomado pela raiva sendo retirado do programa.

Decepcionado ao ver Abi em propagandas da *Wraith Babes*, Bing se esforça para conseguir mais quinze milhões de méritos e ser capaz de participar do programa, ocasião em que deseja se vingar de todos cometendo suicídio ao vivo. No entanto, sua vingança não se completa, ou seja, ele não se suicida e ainda é ovacionado pelo público com a chance de sair do palco para uma nova carreira, com seu próprio programa, cuja característica seria a de repetir o discurso que fez ao vivo, com um pedaço de acrílico direcionado à sua garganta. O episódio termina com seu consentimento em fazer esse programa, deixando as bicicletas para trás e sem a menor possibilidade de ajudar Abi a sair de sua carreira como atriz pornô. O final é emblemático do poder que a mídia e a

propaganda exercem sobre os seres humanos daquele mundo distópico. Os mesmos não têm espaço para revidar contra as classes dominantes.

Dessa forma, a cena “imprime” no espectador um sentimento de frustração, pois dá a expectativa de revolução, mas o personagem principal é contido pelo sistema e acaba se adequando à realidade onde vive, mostrando mais uma vez que o “poder” controla tudo.

CAPÍTULO 2 – O CONTROLE E AS RELAÇÕES DE PODER EM 1984 E EM “15 MILHÕES DE MÉRITOS”

Após a contestação sobre os autores e suas consecutivas obras, este capítulo procura, por meio dos pensadores mencionados anteriormente, fazer um melhor apego e embasamento teórico metodológico para mais tarde construir uma análise mais detalhada de algumas características das obras.

As teorias desses autores buscaram trazer ideias e algumas formas de soluções de problemas encontrados em seus tempos, procurando sempre fazer uma abordagem histórica de como foram se desencadeando os eventos até o presente momento. Estes, ao serem comparados com eventos atuais, dão a noção da modificação dentro das instituições de poder as quais fazem-se presentes dentro da ordem social, no que diz respeito ao controle e à vigilância.

2.1 Controle e as Relações de Poder

É notório que a humanidade desde seus primórdios tenha procurado manter o poder de uns em relação a outros, seja pela força ou pela imposição do medo. O ser humano sempre procurou obter uma vantagem ou um meio de se sobressair sobre outra raça ou sobre o outro. A partir disto, certamente, os níveis de hierarquia e as castas foram se constituindo ao longo do tempo.

De acordo com Michel Foucault, em seu livro *Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão* (1999), existem vários locais em uma sociedade em que é possível observar as relações de poder, seja na família, no governo, na igreja, na universidade ou em setores empresariais, dentre outras instituições sociais que nos rodeiam. Como o título sugere, esse livro procura se concentrar no âmbito das prisões e em como elas são controladas desde a Idade Média até o século XX, visto serem elas metáforas da nossa vida em sociedade. No entanto, é exatamente com a ideia de panóptico, que conseguimos fazer um intenso paralelo com o mundo contemporâneo (desde Orwell). O modelo panóptico é descrito como a melhor forma de vigiar o outro. Neste sentido, o setor de guarda do presídio poderia saber sobre tudo o que está acontecendo em cada cela ou

em qualquer outro lugar dentro do cárcere. Este modelo foi adaptado para ser usado em outras instituições sociais ao longo dos anos.

Foucault fala sobre como as ideias foram sendo repassadas até realmente chegarem à ideia de panóptico – as questões do horário, do modelo e da separação das pessoas por grupos, entre outras, surgem de forma muito simples, porém, importante para o Estado, já que muitas das regras desses primeiros ideais continuam ainda na sociedade atual.

Começando com os “Corpos Dóceis”, Foucault conta que foi necessário manter um padrão para o soldado, determinando como ele deveria se portar frente a diferentes ocasiões. Esse modelo, começado por Descartes, em *O Grande Livro do Homem Máquina* (s/d) (mais tarde aperfeiçoado por outros estudiosos), foi implantado em outros lugares, como no colégio, por exemplo, onde o aluno deve se submeter a uma forma de poder. Foucault (1999, p. 163) analisa que “não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito rígidos, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”.

Em 1984 e em “15 Milhões de Méritos” podemos observar a importância da questão do corpo dentro da sociedade, pois nos dois governos existe o culto ao corpo, que deve ser saudável e funcional ao Estado. Em 1984, a mulher precisa do corpo saudável para dar filhos saudáveis ao Estado, enquanto o homem deve mantê-lo em forma para trabalhar de forma mais ágil e rápida. Por outro lado, em “15 Milhões de Méritos” é notável que a bicicleta seja uma forma de demonstrar o serviço executado pelos cidadãos; ao não manter uma média ideal e um peso ideal, o indivíduo teria o seu *status* rebaixado para um menos reconhecido naquela sociedade. Resumindo, praticar esportes é imperativo. A importância deste culto ao corpo também pode ser verificada na série *The Twilight Zone* (1959-64), (*Além da Imaginação*, no Brasil), onde, em seu episódio “The Eye of the Beholder”, existe a padronização da beleza, da estética, que ao final mostra que a personagem não consegue se encaixar nesse padrão ideal e por isso deve ser posta de lado na sociedade – o que no episódio é classificado como um campo de concentração de pessoas “feias”.

O horário foi introduzido também como um controlador para manter certos ritmos que devem ser impostos como rotineiros, como, por exemplo, o horário

para banhos, para dormir, para o trabalho, entre outros do cotidiano. Ao saber os horários, os institutos seriam capazes de controlar os cidadãos de forma mais eficaz. Dentro desses horários, as pessoas deveriam obedecer a algumas regras: em horário de trabalho não poderia haver conversa, nem piadas, comidas ou trocas de sinais com demais colegas. Esse padrão de horário preestabelecido também inspirou perfis religiosos, como a oração antes do estudo ou do trabalho, como sendo a primeira tarefa a ser feita ao dia.

De maneira análoga, “15 Milhões de Méritos” apresenta uma situação de rotina que depende de horários: o protagonista levanta, trabalha (pedala em sua bicicleta), almoça e se recolhe, período no qual não tem como escapar da mídia em seu pequeno quarto. Assim os personagens encontram-se presos em uma caixa, muito embora estejam vivendo uma falsa liberdade. Aparentemente os trabalhadores têm o direito de ir ao banheiro ou de participar de programas que passam na tela que está constantemente ativa em suas vidas. No entanto, não é explícito se isso faz com que ganhem dinheiro por participação ou se devem atingir um certo limite de “créditos”, para ficarem livres da obrigação de “trabalhar”.

Em 1984, já podemos observar que a questão de horário é bem explícita. Além dos horários rotineiros, tal como acontecia em “15 Milhões de Méritos”, acrescentam-se os minutos de ódio, de exercício e de alguns eventos que o governo acaba por impor aos cidadãos. Certamente, existe um rigor maior no romance de Orwell, pois ao serem vigiados, o próprio sistema lhes obrigava a serem mais pontuais e mais esforçados com os exercícios impostos em determinados horários.

Por outro lado, em “15 Milhões de Méritos”, os personagens parecem estar determinados (assim como que sob uma “lavagem cerebral”) a participarem de suas rotinas, uma vez que, se eles não atingirem um determinado número de créditos eles não podem desfrutar de alguns “benefícios” daquela sociedade.

Fica clara a visão de força e imposição de ações apresentadas pelos dois textos. Porém, além do abuso físico demonstrado por ambos, outro fator mais importante é manifestado para a autonomia desse poder, ou seja, a utilização de imagens, de forma constante, que resulta em abuso psicológico cada vez mais presentes no dia a dia dos personagens.

Dentro das distopias que delineiam o *setting* desses textos, é possível encontrar um pouco de nossa contemporaneidade, muito estudada por filósofos da pós-modernidade, preocupados em observar como as pessoas agem e as diferentes formas de controlá-las. Kellner (2001) elabora que nos identificamos com as imagens que vemos. Porém, essas imagens estão, de certa forma, tão fragmentadas, que também nos sentimos em uma certa escala de fragmentação – ao contrário de épocas passadas, quando as pessoas se sentiam conectadas com seus trabalhos.

Um exemplo interessante e pouco comentado sobre isso se apresenta em alguns episódios da pequena série animada *Over the Garden Wall* (ou *O Segredo Além do Jardim*), em que dois meninos, Wirt e Greg, acabam entrando em um mundo desconhecido, um lugar místico com estilo vitoriano, onde procuram a saída para voltar para casa. No episódio “Canções do Lampião Sombrio”, todos os personagens desse local estranho tinham que se caracterizar de acordo com suas funções, mas Wirt e Greg claramente não se sentiam parte daquele local, mesmo tentando ao máximo se encaixar.

No entanto, por mais fragmentadas que estejam essas imagens, ainda podemos entender as ideias que veiculam. De acordo com Kellner, a identidade é construída com o passar do tempo; porém, com a própria passagem do tempo, os indivíduos se encontram mais facilmente modeláveis. Neste sentido, por exemplo, a cultura é uma das formas ativadas pelas comunidades que, sendo impostas às pessoas, acaba por modelar-lhes. As imagens de quem somos ou de quem seremos estão constantemente sendo ativadas em nossa consciência e em nossa inconsciência também. Assim, somos todos controlados pelo sistema cultural do qual fazemos parte, de forma constante e indefinidamente.

Além disto, Baudrillard teoriza que a sociedade acaba por substituir a “realidade” propriamente dita (e vivida) por símbolos, ícones e signos. Este filósofo discute que a experiência humana não é nada mais do que uma simulação da realidade. Se, por acaso, apagassem-se os referenciais no mundo, eles seriam substituídos por novos signos do real. Neste sentido, o mundo pós-moderno é regido pela replicação de cópias (imperfeitas) de um original, ou seja, pela simulação de que há alguma diferença entre imagem e realidade. Já no que diz respeito ao simulacro, a realidade e a fantasia se confundem entre si, não

podendo mais serem distinguidas como uma ou outra. Segundo Baudrillard, vivemos em um mundo hiper-real, em um mundo de simulacros.

Assim, segundo o filósofo, os signos têm entrado no lugar das coisas e de tudo em nossas vidas. Em uma entrevista para a *Revista Época*, Baudrillard (2013, s/p) discute que

[o]s signos evoluíram, tomaram conta do mundo e hoje o dominam. Os sistemas de signos operam no lugar dos objetos e progridem exponencialmente em representações cada vez mais complexas. O objeto é o discurso, que promove intercâmbios virtuais incontroláveis, para além do objeto. No começo de minha carreira intelectual, nos anos 60, escrevi um ensaio intitulado 'A Economia Política dos Signos', a indústria do espetáculo ainda engatinhava e os signos cumpriam a função simples de substituir objetos reais. Analisei o papel do valor dos signos nas trocas humanas. Atualmente, cada signo está se transformando em um objeto em si mesmo e materializando o fetiche, virou valor de uso e troca a um só tempo. Os signos estão criando novas estruturas diferenciais que ultrapassam qualquer conhecimento atual. Ainda não sabemos onde isso vai dar.

Nos textos analisados, a questão da imagem é muito forte e poderosa, uma vez que envolve completamente a vida dos personagens. Tanto em *1984*, com a teletela, como em "15 Milhões de Méritos", com as inúmeras telas distribuídas ao longo do cenário do episódio, podemos verificar a força com que a mídia adentra o mundo em que os personagens habitam.

A teletela de *1984* tem dupla função: ela é uma "televisão", mostrando a todo momento os ideais do governo, como opção única às pessoas, e também é a câmera que controla todos os indivíduos do sistema. As teletelas perpetuam os ideais do governo ao mesmo tempo em que ajudam no processo de lavagem cerebral da população. Sem ter a opção de desligá-la quando quisessem, os indivíduos não têm tempo para dissociar o que deve ser considerado certo ou errado, além da presente ameaça interminável de guerra, o que faz com que eles confiem no governo já que se tem a total certeza de que eles sabem o que fazem.

As telas presentes em "15 Milhões de Méritos", embora procurem trazer mais opções, os personagens se encontram tão acostumados às suas rotinas que apenas aceitam o conteúdo que elas expõem, sem procurar pensar muito sobre o conteúdo que transmitem. De acordo com Kellner (2001, p. 303),

[o]bviamente, públicos diferentes assistem à televisão de diferentes maneiras. Para alguns, ela nada mais é do que uma colagem fragmentada de imagens que apenas intermitentemente as pessoas

veem ou ligam com aquilo que veio antes ou depois. [...] muitos indivíduos usam dispositivos que lhes permitem ir percorrendo os programas, pulando de um canal para outro ou simplesmente dando um 'voo rasante' para 'ver o que está rolando' e acompanhar o fluxo desconexo de imagens. Muitos indivíduos que assistem a programas inteiros se atêm simplesmente à superfície das imagens, enquanto programas, anúncios, intervalos comerciais, etc., vão fluindo de um para o outro e afogando o significado no jogo de significantes desconexos.

A maior diferença que pode se notar é que um sistema procura governar pelo medo, enquanto que o outro procura divertir os participantes (na verdade iludindo-os) para que não tenham preocupações quanto ao que existe entre elas – seria o processo do *Panis et Circenses*. É possível até perceber essa semelhança na forma com a qual o sistema em *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley, tenta controlar o povo. Também pela utilização de conteúdos que fazem com que os livros sejam esquecidos, não necessitando serem proibidos já que não existe incentivo à leitura deles.

As características encontradas dentro desses textos condizem com a realidade com que elas foram feitas. Utilizando a ideia de Kellner (2001, p. 301), sobre a mídia televisiva: “a televisão comercial é predominantemente regida pela estética do realismo representacional, de imagens e histórias que fabricam o real e tentam produzir um efeito de realidade”. Embora haja uma grande diferença de ideias entre os pensadores quanto a existir ou não uma definição apropriada para a de pós-modernidade, podemos entender que tanto *1984* como “15 Milhões de Méritos” são textos que refletem o mundo pós-moderno, ainda, é claro, que existem diferenças significativas entre o mundo de Orwell e o nosso.

Orwell escreveu seu romance ao longo e após a Segunda Guerra Mundial, cuja sociedade era representada pelo medo, por causa da ameaça da bomba atômica, da ideia de vigilância governamental e de uma falsa paz. Brooker vive em um tempo em que milhões de ideias midiáticas são bombardeadas a cada momento, e em que a tecnologia tem estado cada vez mais presente e trazendo mais perigo às nossas vidas. Esses contextos são obviamente grandes ativadores dos enredos dos textos que elaboraram.

As imagens veiculadas em ambos os textos são criadas pelos autores para significar o quanto o sistema governamental controla os indivíduos para que haja uma organização aparente que tenta afastá-los de quaisquer riscos que possam causar algum ônus para o governo. Em *1984*, o Grande Irmão é

veiculado por meio de uma imagem, uma face masculina, de poder e controle. Ele é o ser que tudo cuida e tudo vê. Ao mesmo tempo em que ele mostra sua face sinalizando o medo, também mostra a face que significa carinho. Winston, após a sua ida ao Ministério do Amor, declara já não ter medo do “amor do Grande Irmão”:

Olhou para o rosto descomunal. Quarenta anos haviam sido necessários para que ele descobrisse que tipo de sorriso se escondia debaixo do bigode negro. Ah, que mal-entendido cruel e desnecessário! Ah, que obstinado autoexílio do peito amoroso! Duas lágrimas recendendo a gim correram-lhe pelas laterais do nariz. Mas estava tudo bem, estava tudo certo, a batalha chegara ao fim. Ele conquistara a vitória sobre si mesmo. Winston amava o Grande Irmão. (ORWELL, 2014, p. 346).

Em “15 Milhões de Méritos”, o sistema procura, por outro lado, fazer a “venda” de uma vida melhor. As imagens são manipuladas da maneira como a máquina ou centro de poder acha melhor. No enredo, do episódio, as primeiras imagens do dia são sempre colocadas de forma mais leve, com um fundo mais claro, e detalhadas com vasos que dão a sensação de vida e paz. Abi ao pensar que teria uma vida melhor como cantora, passa pela mesma experiência em frente das câmeras; porém, sua voz é perceptivelmente mais triste. A cena é gravada em uma distância média, o que dá a impressão de totalidade de imagem, mas dando mais destaque ao personagem. Em comparação com as câmeras voltadas a Bingham, temos que ele é filmado em um cenário mais escuro, dando a impressão de caos, embora o preto em sua roupa também possa aparecer como um sinal de protesto. Os personagens tentam se rebelar de alguma forma, mas o que lhes resta é submeterem-se ao sistema.

No modelo do panóptico, os guardas se encontram na torre alta, vigiando cada movimento feito pelos prisioneiros. A torre na qual permanecem dá total visão aos vigilantes, enquanto os vigiados nunca poderão ver quem os observam. Atualmente podemos suspeitar que passamos pela mesma coisa. Claramente, não é uma torre, mas as diversas câmeras que nos vigiam em nossas cidades.

Em 1984, há a ideia de que alguém vigia os personagens pelas teletelas, vendo e ouvindo a cada movimento, mas há a certeza de que quem está a esse trabalho é uma pessoa que está a comando do governo da Eurásia. Em “15 Milhões de Méritos”, por outro lado, não é claro se quem os vigia também pode

ser um ser humano ou se são simplesmente algoritmos programados que detectam cada ação desenvolvida pelos personagens. De qualquer modo, sendo humano ou não, sabemos que o controle vem de uma fonte superior e com maior detenção de poder.

No episódio de *Black Mirror*, um exemplo disso acontece ao longo da propaganda da nova participação de Abi, em *Wraith Babes* (ou “Gatas Iradas” como foi traduzido). Após não ter méritos o suficiente para que possa pagar para não ver a propaganda, Bingham coloca suas mãos sobre os olhos, mas o Vigilante toma conhecimento sobre o ato e simplesmente pausa a propaganda que só voltará a ser exibida assim que seus olhos estejam abertos, o que nos dá a consciência sobre a sua falta de poder.

Enquanto no episódio essa vigilância parece uma paródia do nosso mundo contemporâneo, em *1984*, ela é elaborada para mostrar opressão e manipulação. No romance, existem as diversas descrições de câmeras, microfones e a vigilância constante que os personagens sofrem, seja durante o exercício matinal, seja quando O'brian se revela como um dos poderosos do Grande Irmão. Embora desde o começo de *1984* já seja apresentada a ideia de vigilância e controle da nação, o leitor nunca tem a prova de que realmente existe alguém os observando pela teletela até o momento em que Winston é chamado diretamente por uma voz vindo dela:

‘Smith!’, berrou a voz rabugenta na teletela. ‘6079 Smith W! Isso mesmo, você! Incline-se mais, por favor! Você não está dando tudo o que pode. Não está se esforçando. Incline-se, por favor! Assim! Agora está melhor, camarada. Posição de descanso, todo o pelotão. Olhem para mim’. Um suor quente repentino brotara por todo o corpo de Winston. Seu rosto permanecia completamente inescrutável. Nunca dê mostras de desânimo! Nunca dê mostras de ressentimento! Uma simples chispa no olhar podia ser sua perdição. Ficou observando enquanto a instrutora erguia os braços acima da cabeça e — impossível dizer ‘graciosamente’, mas com notável exatidão e eficiência — inclinou-se e encaixou a ponta dos dedos das mãos embaixo dos dedos dos pés. (ORWELL, 2014, p. 49).

Também dentro do quarto alugado por Winston e Julia, onde todo o tempo em que estiveram lá possuía uma teletela que se manteve silenciosa até o momento que os dois personagens já são conhecidos como simpatizantes de Goldenstein, considerando-os como inimigos do Estado. Logo após esse encontro, eles são perseguidos pela verdadeira vigilância de O'brian.

O'Brian aparentava, aos olhos de Winston, um homem confiável, que apresentava a mesma visão que ele acerca de sua situação atual. O que descobrimos mais tarde, ao longo da história, é que esse personagem procurava manipulá-los, para que tivesse provas o suficiente de que Winston Smith era um inimigo do Estado.

O personagem se apresenta de uma forma que não é possível notá-lo como um vigilante, até aparecer no pequeno quarto alugado na periferia, com vários guardas para levá-los ao Ministério do Amor. Até mesmo o leitor tem um sentimento de traição e surpresa, já que O'Brian coloca-se com características diferentes das encontradas no começo do romance.

Mesmo com toda essa vigilância sobre os personagens ainda é possível notar que esses dois governos procuram passar uma ideia de que todo esse trabalho serve apenas para que se haja a ordem e que isso trará a harmonia a eles ou, como dito pelas linhas do governo do Grande Irmão: "Liberdade é escravidão; ignorância é força" (ORWELL, 2014, p. 14). A ignorância sobre a sua realidade serve como forma de mostrar que ele vive em um lugar onde tudo acontece segundo a sua vontade, vivendo assim a ilusão de liberdade.

As realidades em *1984* e em "15 Milhões de Méritos" são mascaradas por algumas imagens que simulam que o cidadão tem o que é necessário, ou mais do que o necessário para viver. *1984* procura mostrar que o governo está dando o que é necessário para uma boa vida no continente da Eurásia, mesmo em meio a uma guerra (que não existe), enquanto que "15 Milhões de Méritos" procura, através do desencadeamento de imagens, gerar uma obsessão por méritos (moeda digital utilizada pelos moradores dos blocos) e a "procurar" por uma vida melhor para gastar melhor os méritos obtidos.

Em ambos os textos há uma expressão da hiper-realidade que nos cerca, definida por Baudrillard. O filósofo cita o exemplo da Disneylândia como analogia:

[S]elecção do *american (sic) way of life*, panegírico dos valores americanos, transposição idealizada de uma realidade contraditória. [...] [E]ssa trama 'ideológica' serve ela própria de cobertura para uma *simulação de terceira categoria*: a Disneylândia existe para esconder que é o país 'real', toda a América 'real' que é a Disneylândia [...] A Disneylândia é colocada como imaginário a fim de fazer crer que o resto é real, quando toda a Los Angeles e América que a rodeia já não são reais, mas do domínio do hiper-real e da simulação. (BAUDRILLARD, 1991, p. 21; grifos do autor).

O mundo pós-moderno precisa de simulações e simulacros como estratégia de manutenção, como forma de fazer com que a vida seja suportável. As pessoas buscam tais recursos por não se sentirem mais seguras no mundo de hoje. Elas precisam dar algum significado ao que vivem. Por esta razão, frente à Disneylândia, o mundo em que vivemos, ou aquele em que os personagens vivem, é real. Será que poderíamos dizer com toda a certeza? Baudrillard (1991, p. 34; grifos do autor) ainda afirma que “o que toda uma sociedade procura, ao continuar a produzir e a reproduzir, é ressuscitar o real que lhe escapa. É por isso que *esta produção ‘material’ é hoje, ela própria, hiper-real*”. Além disto, as mudanças repentinas do mundo pós-moderno e a sua fragmentação podem causar insegurança no indivíduo. Tal instabilidade e a profusão de informações que se superpõe ou se contradizem também promove a produção de simulações.

Sendo assim, as sociedades tanto do romance quanto do episódio se sentem compelidas a acreditar em um sistema artificial que reproduz o disseminador de paz, segurança e harmonia para a população. Nos textos, a hiper-realidade existe em cooperação com o que o governo quer atingir. Logo, pode-se traçar essa hiper-realidade não apenas às obras aqui analisadas, mas também na sociedade atual que mostra-se cada vez mais ligada a esse conceito.

2.2 Paralelos entre 1984 e “15 Milhões de Méritos” – A Distopia gerada pelo Controle

Em 1984 observamos as diferentes representações de poder encontradas naquela sociedade. Naquele sistema, encontramos o Grande Irmão que tudo vê, o inimigo Goldenstein, os indivíduos merecedores de tortura e morte e os cidadãos perfeitos da Eurásia. Todas essas ideias são propagadas pelo governo por meio das teletelas, dos rádios e da grande tela que utilizam para os minutos de ódio. A grande repressão sofrida dentro do Estado faz com que o povo reviva todas essas ideias, 24 horas por dia, consumindo os cidadãos incessantemente. Em contrapartida, “15 Milhões de Méritos” também demonstra um regime governamental que não se descreve como opressor, pois dá aos cidadãos aquilo que eles supostamente “gostam” de fazer, sem perceberem que estão sendo

controlados. As telas a que assistem lhes dão opções, ao contrário de 1984. A mídia em “15 Milhões de Méritos” oferece conteúdos que relaxam ou distraem os indivíduos, ao invés de fazê-los pensar sobre aquilo que o governo quer que eles pensem. Mesmo com abordagens midiáticas diferentes, ambos os governos detêm total controle de suas vidas. Além disto, os dois governos não demonstram problema nenhum em abusar da privacidade dos indivíduos.

A base para o panóptico mostra como a situação deles encaixa-se dentro desse modelo, pois:

[...] em primeiro lugar segundo o princípio da localização imediata ou do quadriculamento. Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico. (FOUCAULT, 1975, p. 123).

Foucault, em seu livro *Vigiar e Punir* (1999), mostra como esses regimes podem ser comparados a uma prisão, nesse caso o do modelo Panóptico, já que eles têm total controle dos prisioneiros em um regime fechado. Como comentado anteriormente, esse modelo proposto por Jeremy Bentham, foi utilizado em várias outras instituições além da prisão, como hospitais, escolas, indústrias, manicômios, entre outras. Sob essa estrutura, havia uma forma mais fácil de observar e controlar o indivíduo, que, de acordo com o que fizesse, poderia receber uma recompensa ou uma punição.

Por assim dizer, o poder alcança a realidade concreta dos indivíduos por meio de seus corpos. Os procedimentos de poder sobre o corpo dizem respeito ao controle dos gestos, das atitudes, dos comportamentos, dos hábitos e dos discursos. O poder procura adestrar e aprimorar os corpos. O corpo só se torna força de trabalho quando trabalhado pelo sistema governamental. Foucault (1975, p. 29) coloca que:

[...] o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais.

Um exemplo que se encaixa com essa ideia é a forma com a qual o sexo e o corpo são tratados nas duas obras. “15 Milhões de Méritos” trata o sexo como uma mercadoria a ser trocada e o corpo em forma para demonstrar melhor serviço para receber moedas como pagamento. *1984*, por outro lado, busca o sexo somente como parte reprodutora e o corpo para que seja sadio e para demonstrar melhor desempenho em qualquer que seja o trabalho.

De acordo com essas distopias, é possível falar sobre a existência de contradições. Thomas Pynchon (2003) *fala* que Orwell utiliza sua narrativa no livro baseando-se em alguns partidos que se diziam socialistas na época, os quais se misturavam em várias ideologias que, segundo ele, eram contraditórias, quase não possuindo veracidade da original vertente da qual surgira. Podemos ver essa utilização no slogan “Guerra é Paz, Liberdade é Escravidão, Ignorância é Força”, o qual costumava ser o lema do governo encontrado em *1984*.

Margaret Drabble e Bernard Crick (s.d), no documentário *Grandes Livros* também falam sobre como essas contradições foram crescendo até serem criadas outras como os “2 minutos de ódio”. Essa foi considerada uma das melhores representações para controle sobre o indivíduo, ao invés de mostrar respeito à morte de alguém, levava o ódio como máquina de aprendizagem sobre a quem obedecer e quem destruir.

“15 Milhões de Méritos” apresenta essa contradição em seus *Reality-Shows*, ao mesmo tempo em que se diz presente na vida do indivíduo, esse o representa apenas pelo seu “avatar” e não pela pessoa que é. Um dos únicos programas que procurava trazer a pessoa, ou melhor o seu talento, fazia a fachada como um túnel de esperanças para uma vida melhor, o que no final vemos que não é o que realmente acontece.

Em “15 milhões de méritos” foi observado desde os *shots* de câmera até a forma com que os personagens se portam como uma forma de identificar as mensagens e como as formas de controle acontecem. Nos bastidores, enquanto espera ser chamado, Bing é envolto por cores neutras onde, dentro desse contexto, abre a emoção de neutralidade e uniformidade, uma ideia já inserida

dentro do contexto de convivência social desses personagens. Entretanto, ao entrar no palco do *reality show*, o mesmo é envolto de cores mais escuras ao fundo com as luzes apontando diretamente do topo ao centro do personagem, dando a impressão de enfoque e destacando-o frente ao palco.

Os juízes são colocados em outro tipo de luz, além da tela com os “telespectadores” ao fundo, o qual podemos considerar um Cyber espaço, pois possui o mesmo sistema não físico para os outros trabalhadores. No primeiro momento há a apresentação de Bing aos juízes e também o começo de sua performance. É interessante colocar que existem duas subversões de expectativas nesse momento, um sendo reconhecido pelo telespectador na primeira parte e outra sendo desconhecido.

A primeira subversão é de quando Bing para sua apresentação para colocar o pedaço de vidro em seu pescoço para assim chamar realmente a atenção dos juízes e para que ninguém possa impedi-lo de falar o que deseja. Assim que tem a atenção e é provocado por eles, começa a fazer a sua denúncia contra o sistema:

Eu não tenho um discurso. Não planejei palavras. Nem tentei. Eu só sabia que tinha que vir aqui para vocês me ouvirem. Para ouvirem de verdade, e não fingirem que estão ouvindo como fazem o tempo todo. Para sentirem ao invés de processar. Vocês fazem essa cara, olham para o palco e nós ficamos aqui cantando, dançando e fazendo micagens. E vocês não nos veem como pessoas. Vocês não veem pessoas aqui. Só objetos. E quanto mais falso o objeto, mais vocês amam. Porque um objeto falso é a única coisa que funciona. Nós só temos estomago para objetos falsos. Na verdade, não só isso. Dor e depravação também. Amarre um gordo a um poste e nós nos matamos de rir porque fizemos por merecer. Nós pagamos os pecados e ele está lá na pior, então vamos rir. Porque estamos tão loucos de desespero que não conhecemos nada melhor. Só conhecemos objetos falsos e coisas para comprar. É como nos comunicamos, como nos expressamos. Comprando coisas. Eu tenho um sonho. O ápice dos nossos sonhos é um chapéu novo para o nosso boneco. Um chapéu que nem existe e que nem está lá. Nós compramos coisas que nem existem. Mostrem-me algo real, gratuito e bonito. Não tem, não é? Isso nos quebraria. Estamos muito anestesiados para isso. Nossas mentes sufocariam. Não aguentaríamos coisas boas. Por isso quando encontramos algo maravilhoso, vocês racionam, e só então ele é ampliado, embalado e distribuído através de 10 mil filtros pré-designados até não ser nada além de uma série de luzes insignificantes, enquanto pedalamos todos os dias, indo pra onde? Fornecendo energia para quê? Celas minúsculas e telas minúsculas, celas maiores e telas maiores. Fodam-se vocês! Fodam-se vocês. É só o que resta a dizer: Fodam-se vocês! Fodam-se vocês por sentarem aí e tornarem as coisas piores. Fodam-se vocês, seus holofotes e suas caras hipócritas. Fodam-se vocês por pegarem a única coisa que chegou perto de algo real, por estragarem e transformarem em mais

uma piada suja dentre milhões. Fodam-se vocês por existirem! Por mim, por nós, por todos! Fodam-se! (15 Milhões de Méritos, 52:07-54:20, 2011).

Após segundos de silêncio, tanto dos juízes quanto da plateia que se encontra ao vivo online, há a segunda subversão de expectativa, ou também chamado no ditado “colocar a caça contra o caçador”. Utilizando do discurso de Bing, trocam-se os papéis, colocando uma outra apresentação, transformando uma denúncia real em mais um objeto de consumo, desvalidando o propósito inicial dessa apresentação e mantendo a ordem dentro do sistema.

Assim como Abi fora tratada, há a pressão psicológica que faz com que seja aceita a proposta de se juntar ao grupo de alto controle de entretenimento sendo mais um artista, para um programa diferente, a ser escolhido.

A luz que se encontra entre os personagens é uma distinção interessante que nos diz muito sobre o posicionamento de cada personagem. Bing e Abi se encontravam em um palco com a luz azul, a qual é referente a uma coisa melancólica e fraca, que não produz tanto destaque ao personagem. Já os juízes se encontram com uma luz mais avermelhada ao fundo, referente a perigo e poder.

Em 1984, no décimo capítulo, o constante medo da vigilância e controle é apresentado relativamente menor se comparado a outros capítulos os quais envolvem a narrativa. A abertura do capítulo inicia de forma amena em comparação ao restante da narrativa, com a observação de Winston e Júlia sobre a condição de vida da mulher proletária concomitante a conversas supérfluas, o que se encerra no momento em que a teletela escondida se pronuncia:

Estava enfim começando, estava começando! Não podiam fazer nada além de olhar para os olhos um do outro. Fugir, dar o fora dali antes que fosse tarde demais — não lhes ocorria nenhum pensamento dessa natureza. Era impensável desobedecer à voz truculenta que saía da parede. Ouviram um estalido, como se uma lingueta tivesse sido destravada, e em seguida um estrépito de vidro se quebrando. O quadro caíra no chão, revelando a teletela atrás dele.

‘Agora eles podem nos ver’, disse Julia.

‘Agora podemos vê-los’, disse a voz. ‘Vão para o meio do quarto. Fiquem de costas um para o outro. Ponham as mãos atrás da cabeça. Não se toquem’. (ORWELL, 2014, p. 261)

A aparição da teletela traz desconforto a um espaço que parecia seguro, demonstrando as artimanhas produzidas pelo governo como forma de garantir a segurança do sistema. Na seguinte passagem é notável a presença do controle sobre o corpo: os que antes se tocavam como amantes, são lembrados que o corpo é apenas para a reprodução. A ordem para que se afastem demonstra como o governo processa a utilização de um desacato à sua ordem:

Winston parara de tremer. Mal movia os olhos. Só uma coisa importava: ficar quieto, bem quieto, e não lhes dar nenhum pretexto para que batessem nele. Um sujeito com uma mandíbula lisa de pugilista e uma boca que não passava de um traço parou na frente dele, balançando o cassetete entre o polegar e o indicador, pensativo. Winston olhou-o nos olhos. A sensação de nudez produzida pelas mãos atrás da cabeça, com rosto e corpo totalmente expostos, era quase intolerável. O homem mostrou a ponta de uma língua branca e passou-a pelo lugar onde seus lábios deveriam estar, depois foi em frente. (ORWELL, 2014, p. 262).

O trecho acima é o que melhor exemplifica o uso do poder sobre o indivíduo o qual é tido como inferior naquela sociedade. Ao entrar a polícia das ideias, ao quarto, mantém a visão de Foucault sobre o sistema de controle e de poder: “A sensação de nudez produzida pelas mãos atrás da cabeça, com rosto e corpo totalmente expostos, era quase intolerável” (ORWELL, 2009, p. 262). O vigilante como dito anteriormente, se expõe para punir aqueles que foram contra a lei imposta, a esse destino já se torna evidente que Julia e Winston serão mandados ao ministério do amor pela conduta inadequada e as suas considerações contra o sistema. Contado no romance, mais à frente, sempre estiveram sendo vigiados desde suas idas ao bosque, às suas atividades dentro da sociedade e como O’brian se refere mais tarde, não há como escapar desse sistema.

Outro trecho, que embora se refira ao peso de papéis quebrado, faz a alusão à situação ao qual todos, mas principalmente Winston e Julia, se encontram “O fragmento de coral, uma minúscula ondulação rosa que parecia um confeito de bolo, rolou pelo tapete. Que pequeno, pensou Winston, que pequeno ele sempre fora!” (ORWELL, 2014, p. 262) o simbolismo referente a ele mostra o quão pequeno fora sua ação contra o governo, colocando um sentimento de remorso até nesse fragmento, demonstrando o quão inválido é.

Descobre-se que o senhor Charrington trabalha para a polícia das ideias, sendo o vigilante, e que ao passar confiança aos principais, trabalhou de forma a espioná-los o mais cautelosamente possível para mais tarde puni-los por seus atos:

Ouviu-se um novo passo, dessa vez mais leve, na entrada. O sr. Charrington entrou no aposento. De repente o comportamento dos homens de uniforme negro tornou-se mais cortês. Algo também se modificara na aparência do sr. Charrington. [...] O sotaque cockney desaparecera. De repente, Winston compreendeu de quem era a voz que ouvira momentos antes na teletela. O sr. Charrington continuava envergando seu velho paletó de veludo, porém seu cabelo, antes quase branco, se tornara preto. Além disso, já não usava óculos. Lançou um olhar rápido e severo para Winston, como verificando sua identidade, depois não prestou mais atenção nele. Ainda era possível reconhecê-lo, porém não era mais a mesma pessoa. Seu corpo se endireitara, parecia ter ficado maior. Seu rosto só passara por alterações ínfimas; mas o resultado era uma transformação completa. As sobrancelhas pretas estavam menos bastas, as rugas tinham sumido; todas as linhas do rosto pareciam ter-se modificado; até o nariz dava a impressão de estar menor. Era o rosto alerta e frio de um homem com cerca de trinta e cinco anos. Winston pensou que pela primeira vez na vida tinha a consciência de olhar para um membro da Polícia das Ideias. (ORWELL, 2014, p. 263-264)

É totalmente presente a glorificação do poder sobre o outro como uma forma de masoquismo sobre o indivíduo.

É necessário apontar também a diferença entre essas partes. Bing vai contra o sistema, revelando-se dentro do show, na frente dos milhões de trabalhadores, fazendo a denúncia como uma forma de revolta e instigando a uma mudança. Winston por outro lado, mantinha-se escondido do governo e dos outros trabalhadores, pois sabia que uma ação mal calculada levá-lo-ia até o ministério do amor; embora acredita-se que também deveria ir contra o governo, pois não acreditava mais nas “verdades” propagadas pelo Grande Irmão.

A maior semelhança entre as duas obras, em suma, é a vontade de ir contra o movimento e controle proposto pelo governo, reconhecendo que o controle excessivo é ruim à sociedade em que se encontram. Porém, o que difere é como as duas são colocadas com relação a esse fator, por mais que os dois estejam atrelados à ditadura a qual se encontram.

Bing e Winston são colocados sobre a pressão do governo para retornarem a obedecê-los, assim como Bauer aponta sobre Abi e Julia:

Enquanto Julia se rende ao Partido por ter sido presa e torturada, Abi se rende ao sistema devido ao terror psicológico a que é submetida. Julia, sob tortura física e psicológica, não tinha escolha senão a de se render, e Abi, muito embora tenha sido uma escolha difícil, ainda assim tinha certa autonomia sobre seu corpo. (BAUER, 2018, p. 20)

Bauer demonstra a forma pela qual os dois se entrelaçam nesse sistema de governo; o uso de um reforço midiático das relações sistemáticas produz uma repercussão dentro do ambiente; essa repercussão então fortifica as estruturas governamentais da área de interesse do partido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As duas obras ocorrem em futuros distantes em relação a época que são escritos com o objetivo de traçar um paralelo entre as suas realidades e ao que poderia estar sendo encaminhada à sociedade. Utilizando-se da tecnologia que possuem e seu impacto sobre os cidadãos, na marcação de propagandas e de ideologias do pensamento e do consumo, há um controle sobre suas ações e pensamentos individuais, os quais são totalmente ligados a elas, em princípio. A fuga desse sistema mostra-se um perigo ao governo responsável, pois ao sair dessa linha poderia despertar o pensamento diferenciado sobre o outro podendo levar à ruína o império; por isso medidas drásticas devem ser tomadas por ambos como forma de manter a hierarquia imposta.

Cada sistema fora apresentado com uma forma diferenciada da amostra de seu poder, enquanto *1984* demonstrava pelo medo “15 milhões de méritos” utilizava de diversas distrações. Porém independente, a tortura exibida nos dois afeta principalmente o psicológico das personagens, tornando-as mais fracas como forma de manter a ordem e impedindo que futuras manifestações pudessem ocorrer.

A distopia expressa pelas duas, ainda demonstra manter relações à sociedade contemporânea e a forma governamental, que busca estar cada vez mais presente nos meios sociais, além de utilizar da tecnologia como uma forma de proteção, seja essa invadindo ou lendo dados de seus usuários ou mantendo vigilância sobre as relações de seus habitantes.

Nos capítulos procurou-se relacionar essas ideias e apresentar os resultados desses poderes e a forma que agem sobre os personagens da trama. Apresentando primeiro um pouco sobre os autores e suas obras, para mais tarde se aprofundar no pensamento teórico crítico ao qual se baseia a análise.

Por meio desse trabalho espera-se que outros possam analisar os prováveis pontos que não foram referenciados, aprofundando a análise sobre as mesmas. Aos que se interessarem em continuar esse trabalho, indico a desenvolver mais a parte do controle midiático e como a nova-fala se apresenta principalmente em *1984*, e em “15 Milhões de Méritos” podendo se observar melhor as propagandas e o cyber-espço capitalista do sistema.

REFERÊNCIAS

15 Milhões de Méritos (Temporada 1, ep 2). Black Mirror [seriado]. Direção: Euros Lyn. Escrito: Charlie Brooker, Kanak Huq. Londres: Channel 4, 2011. 61 min. Seriado televisivo. Legendado. Colorido,

BAUDRILLARD, Jean. A verdade oblíqua. [jun. 2003]. Entrevistador: Luis Antônio Giron. In: **Revista Época**. Ed. 264. São Paulo: Editora Globo, 2013. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT550009-1666,00.html>. Acesso em: 06 jun. 2019.

BAUER, Lisiane C. **Narrativas distópicas: um estudo comparativo entre 1984 e a série Black Mirror**. 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/182768/001077532.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 jul. 2019.

BROOKER, Charlie. Charlie Brooker: the dark side of our gadget addiction. **The Guardian**, [S. l.], dez. 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2011/dec/01/charlie-brooker-dark-side-gadget-addiction-black-mirror>. Acesso em: 20 nov. 2019.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir I e II: o nascimento da prisão**. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes, 1999

GRANDES livros – George Orwell 1984. Produzido por Ned Judge. Local: Produtora: The Cronkite Ward Company for TLC, ... Duração: 46 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Bm5LBI3v_o. Acesso em: 09 set. 2018.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Trad. de Ivone Castillo Bendetti. Bauru: EDUSC, 2001.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. PELEGRINI, Christian. Narrativas Complexas na Ficção Televisiva. In: **Revista Contracampo**, v. 26, n. 1, abril, 2013. Niterói: Contracampo, 2013. p. 21-37.

ORWELL, George. **1984**. Tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo. Companhia das Letras. 2014

PYNCHON, Thomas. 2003. IN: ORWELL, George. **1984**. Tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo. Companhia das Letras. 2014

SMITH, David; MOSHER, Michael. **Orwell para Principiantes**. 14^o ed. Lisboa: Dom Quixote. 1986.